

## OS AFETOS DE *INTERIOR VIA SATÉLITE*, DE MARCOS SISCAR

João Carlos BIELLA<sup>89</sup>

SISCAR, M. **Interior via satélite**. São Paulo: Ateliê, 2010. 104 p.

Os efeitos da leitura do livro *Interior via satélite* (2010), de Marcos Siscar, são múltiplos. Nada de novidade para os leitores de poesia contemporânea. Entretanto, o recente livro do autor parece, logo após o ato silencioso e solitário do lê-lo, deixar uma boa expectativa do devir. Obra bem realizada: por se fazer, guarda o inacabamento formal na potência do realizar-se.

Para observar tal movimento de transformação, leiamos o poema “Rascunho para um retrato de criança”:

era um vento soprando (poeira na rua)  
 cavalos cansados cachorros baldios  
 a criança na cama de olhos abertos (a vida era um)  
 cheiro de fumaça no rebojo da manhã  
 irmãos bulindo mães lavando  
 paredes caiadas os dias muito longos (privação  
 de corte) um olhar (ao lado esquerdo da imagem)  
 vigiando a poeira em suspensão  
 o poema ainda não estava ali (ou melhor) faltava-lhe a cesura  
 a repetição esfregando a face áspera  
 a telescopia de um rosto encardido  
 o enjambement inserindo o silêncio e (depois  
 de perdido para sempre o *mot juste*) o des  
 ajuste (quem sabe)  
 (SISCAR, 2010, p.71).

No poema de Siscar, como o próprio título afirma, tem-se um rascunho para um retrato de criança. Nele há a representação de uma “criança na cama de olhos abertos”; e dela “um olhar (ao lado esquerdo da imagem) / vigiando a poeira em suspensão”. Aqui tem-se um movimento de transformação de uma experiência. O menino atento,

---

<sup>89</sup> Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, CEP 38408-100, Uberlândia, MG, Brasil – [jocabiella@ileel.ufu.br](mailto:jocabiella@ileel.ufu.br)

vigilante, guarda imagens e sensações, escolhendo os sentidos de uma vida ainda singular, una e absoluta.

Masé Lemos, em resenha ao livro *Interior via satélite*, escreve que o termo “interior” do título refere-se ao

[...] espaço tanto interno quanto geográfico. O interior é retomado como lugar de procedência, do desejo, de onde se fala. Assim se torna possível uma poesia não apenas objetiva, não apenas construtiva, mas que provém também de uma afetividade não confessional, como algo que acaba por interferir, afetar, o próprio raciocínio do poema. (LEMOS, 2010).

De fato, em “Rascunho para um retrato de criança”, há a interioridade como procedência e desejo. É fato também que ela integra uma nova experiência: o valor do corte. No corpo do poema, gradativamente os institutos poéticos, sob forma metalinguística, vão transformando o poema em sua própria morada, movimento aliás já notado por Masé Lemos, ao citar a referência à obra de Michel Deguy na poesia de Siscar: “reocupar o espaço em que vivemos”. A resenhista também afirma que a mesma poesia pode ser “concebida não apenas como relação com o mundo, mas como parte dele, como ‘ar que se respira’, ou ainda, como ‘só poeira. Tosse’”.

O poeta sabe a cesura. O que há no poema em questão é uma articulação mais coordenada com o desejo de extrair poesia de um prosaísmo já realizado pela tradição; trata-se da consciência do risco lírico, de não conseguir, no mínimo, uma tentativa de voo. Coordenação dos estatutos de corte-salto do poema, ou seja, cesura, *enjambement* e *versura*, em tensão com os efeitos de sentido possíveis.

Em todos os 14 versos do poema tem-se a primeira cesura mantida. Em alguns, justamente naqueles em que a interpolação de um parêntese interrompe a linha sintática e rítmica, tornando-se um intensificador do *enjambement*, o risco de um novo lirismo está assumido. Com efeito, sabe o silêncio do salto, entretanto, como na música, não sabemos como, mas o desejo de fala-volta (não querendo ser obra absoluta, última) em novas virtualidades se faz. A poesia pensante de Siscar respira a suspensão da poeira no próprio momento da transformação, salto solo incerto, rumo incerto ao retorno ao interior.

Para observarmos melhor a economia de afetos e institutos poéticos percebidos na poesia de Siscar, vejamos o poema que, em *Interior via satélite*, vem após o que lemos há pouco:

“Ciência do interior”

perseguido por beija-flores sanhaços bentevis em rasante. perdulário do próprio corpo pronto para colonizar o tempo e a linguagem.

até que o joelho quebrou-se de espanto. tocou mil vezes o mesmo solo. e ciente da quebra converteu-se o verso em promessa.

transformou-se no que lhe falta. no que de quebra lhe sobra. como se transbordar fosse um modo de vida. a cavalo sobre o corte.

e para isso teria comido terra envelhecido entre feras corrigido o fluxo do tempo com sua estranha ecologia. ciência de indagar o *oikos* (o interior em se vive) com a lente do telescópio.

em dias de vento as abelhas enxameiam na porta de casa anunciando com seu lustre arredio os segredos da nova estação.  
(SISCAR, 2010, p.72).

O satélite, lugar do qual partem contemporaneamente as imagens, informações, referências, conhecimento, enfim, é, como sugerido pelo título da obra, o local do qual parte a ótica de visão para a observação do interior geográfico. No poema em questão, a lente do telescópio é a mediação do olhar: trazer para perto o longe, o distante. No caso, o olhar do verso indagador do *oikos*, i.e., da casa.

A casa, espaço da interioridade, é o confim no qual a linguagem e o tempo habitam. Na entrada, em dias de vento, o segredo da nova estação é anunciado pelas abelhas. A polinização garante um novo ciclo natural. A apreensão de um sentido, de algo ainda esperançoso, é tocado pelo corte e pelo salto rumo ao solo. O afeto torna-se o ponto de compreensão e de relação com o mundo. A poesia, então, passa a ser o lugar da possibilidade de estar sempre se definindo em relação a um outro, incontornável encontro.

Talvez o valor dessa busca interminável da poesia de Siscar esteja no esforço de simplicidade; não apenas na edificação de uma casa-construção, mas na edificação de uma casa-habitação, casa viva, móvel. Os institutos poéticos lembram a todo momento a transformação do poema em poesia; novo abraço em Proteu, contato e relação. Não à-

toa, lê-se em “Provisão poética para dias difíceis”, do livro *O roubo do silêncio* (2006): “[...] Simplicidade é aquilo que se quer. É a górgona do / sentido. Desejo de dados já jogados, de versos esten- / didos com a face para cima. [...]” (SISCAR, 2006, p.66).

Ler a poesia pensante de *Interior via satélite*, de Marcos Siscar, é uma experiência delicada e irritante de tocar os afetos do presente. Ler cada um dos poemas, relê-los, na espera dos próximos textos do autor.

#### REFERÊNCIAS

LEMOS, M. *O interior via satélite, de Marcos Siscar*. In: [www.cronopios.com.br](http://www.cronopios.com.br) – Acesso em 20/11/10.

SISCAR, M. *Interior via satélite*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *O roubo do silêncio*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.